



272
Ano VI - 133



**UMA CABEÇA DE CHERUBIM
DO TUMULO DE HENRIQUE VII**

**MUNDO
GRÁFICO**

O GOVÉRNO DA GRÃ-BRETANHA SERVE-SE DO INQUÉRITO SOCIAL DO TEMPO DE GUERRA PARA OS SEUS PLANOS DO TEMPO DE PAZ

UMA senhora vai visitar a senhora fulana de Londres, Bristol, Edinburgo, ou de uma aldeia situada a muitos quilómetros de qualquer outro povoado. Poucos dias antes tinha-lhe ela mandado um impresso e vai agora ajudá-la a preencher esse impresso, que contem algumas perguntas de carácter bastante íntimo: Que idade tem? Há quanto tempo está casada? Quantos filhos tem? Quando nasceram? Qual é o emprêgo do marido?

Ela explica com clareza à senhora fulana que o seu nome não foi escolhido com qualquer intenção sinistra. Numa lista de todas as mulheres casadas da Grã-Bretanha foi marcado, de 10 em 10, um nome para efeitos de inquérito. O nome da senhora fulana calhou ser um dos marcados, mas o nome não tem importância, o que interessa são os factos.

O impresso da senhora fulana volta para a repartição e vai juntar-se a um milhão e meio de outros impressos a respeito dos quais o pessoal da estatística começa a trabalhar. Transferem os informes colhidos nos impressos para cartões que passam por máquinas complexas de catalogação. Estas máquinas comparam e analisam automaticamente os cartões e fornecem uma massa de factos conexos relativos a um dos problemas maiores e mais angustiosos que defrontam o governo britânico, a saber, o declínio da população.

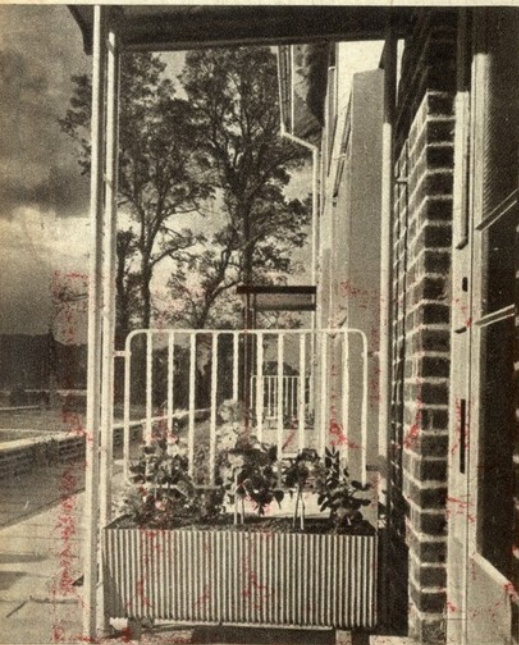
(Continua na página 28)



Uma visitadora numa casa operária



Como se faz um inquérito social às condições dos trabalhadores



As novas casas inglesas são assim



À alegria das crianças inglesas

DA CHROUPANA AO PALACIO DE WESTMINSTER

por MARY FERGUSON

MRS. JENNIE LAUREL ADAMSOM, M. P., secretária parlamentar do Ministro das Pensões, é uma dona de casa, além de fazer parte do governo trabalhista da Grã-Bretanha.

Em sua casa, entre os visinhos, naquela rua suburbana de casas semi-independentes, as suas ocupações predilectas são o governo da casa, a culinária e a jardinagem.

Se lhe perguntarem como conseguiu subir tão alto ela responde que tem estado no caminho há 40 anos. De facto, há 44 anos ela abandonou o seu emprego de costureira para se casar com Willie Adamsom, jovem carpinteiro de moldes que devia vir a ser membro do Parlamento e cuja política era o socialismo.

Ela é hoje uma mulher de meia idade, em cujos cabelos já vão aparecendo as brancas, cujos olhos azuis acinzentados continuam cheios de vida e cujo gosto se inclina para os vestidos de saia e casaco de corte prático e especialmente de cor azul escura. Fala claro, com um acento escocês.

Tudo isto começou quando Jennie Adamsom era ainda rapariga e frequentava a escola em Kilmarnock, Ayrshire, Escócia. Morreu-lhe o pai que lhe deixou a mãe viúva com seis filhos pequenos para vestir, calçar, albergar, dar de comer e educar.

Naqueles tempos não havia pensões para viúvas e Jennie Adamsom lembra-se bem da luta angustiada que teve sua mãe para se manter a ela e aos filhos. Quando ainda era bem nova, e já uma mulher séria, de cabelo loiro, que levava todas as semanas, aos sábados, o seu salário à sua mãe viúva, Jennie jurou que não teria descanso enquanto as viúvas não tivessem pensões. Juntou-se a outros jovens socialistas e começou a sua campanha na defesa desta ideia. Anos depois, quando as viúvas obtiveram finalmente uma pensão de 10 xelins por semana, ela sentiu o primeiro frémito da vitória.

Pouco depois de casarem os jovens Adamsoms começaram a aparecer os filhos. Tiveram quatro, dois rapazes e duas raparigas, mas a chegada dos filhos não impediu Jennie Adamsom de continuar a sua cruzada socialista em favor de salários mais elevados, melhores condições de alojamento, pensões melhores e segurança para os trabalhadores, tanto na doença como na saúde.

A medida que as crianças foram crescendo aumentou o seu trabalho em defesa da causa socialista. Durante todos aque-



MRS. JENNIE ADAMSOM

les anos ela trabalhou e mereceu bem o reconhecimento que lhe foi testemunhado agora. Em 1936 era presidente do partido trabalhista. Ela faz agora parte da comissão executiva nacional do partido.

Sir Walter Wolmersley, Ministro das Pensões do governo nacional do tempo de guerra, pediu a Jennie Adam-

son que aceitasse o lugar de sua secretária particular parlamentar. Quando tomou posse o governo trabalhista todos estavam de acordo em que ela tinha desempenhado magnificamente o seu papel de «mãe» de perto de 3.000 orfãos de guerra que ficaram ao cuidado do Ministério das Pensões. Foi-lhe pedido que ficasse como secretária parlamentar do Ministério das Pensões trabalhista.

Não foi facil o caminho

Não há caminho facil para os lugares de relêvo na politica trabalhista para mulheres como Jennie Adamsom. Quando os seus filhos eram pequenos ela trabalhava perto de casa. Lutou pelas reformas como membro da Junta de Curadores de Lincoln e tambem como membro do conselho do condado de Londres. Quando os mineiros tinham caído na miséria mais atroz durante os anos de depressão ela trabalhou como membro da Comissão de Socorro para as viúvas e filhos dos mineiros e conseguiu obter donativos na importância de 350.000 libras em dez meses, 1926-27. A medida que as crianças foram crescendo ela foi-se afastando mais de casa.

Já era avó quando apresentou pela primeira vez a sua candidatura em Dartford, Kent, em 1935. Não foi bem sucedida porque estava havia apenas tres semanas e meia no circulo eleitoral mas reduziu uma maioria esmagadora apenas a 2.000 votos. E então, em 1938, numa eleição parcial ela arrancou o lugar aos conservadores com uma maioria de 4.238 votos. Isto representava uma vitória esmagadora com a presença de 68% de um eleitorado de 130.000 nas urnas.

Foi só então com um chispar malicioso de olhos que ela ocupou o seu assento na Câmara dos Comuns, tendo como um dos seus abonadores o seu marido.

O seu cargo de secretária parlamentar do Ministério das Pensões serve a Jennie Adamsom como uma luva. É este o Ministério que toma resoluções ácerca de pensões de viúvas de guerra e de pais necessitados de homens que tenham sido mortos nos campos de batalha.

Conhecendo como ela conhece a luta tremenda e os desgostos e aflições dos que ficam sem amparo ela usa de persuasão para conseguir que as leis tomem uma orientação humanitária. O seu próprio filho, piloto da R. A. F. que ganhou a medalha de voos distintos, foi morto quando o seu avião foi abatido pelos nazis. Durante semanas foi dado como desaparecido e esta mulher, cujo nome era dos primeiros da lista negra na Gestapo, passou noites sem fim em claro a pedir a Deus que o filho não sofresse por causa dela. O seu filho está enterrado perto de Orleans.

“Mãe” de 3.000 orfãos

O seu trabalho principal como secretária parlamentar é servir de «mãe» a perto de 3.000 orfãos de guerra britânicos. Alguns são filhos de soldados ou de marinheiros, outros são filhos de marinheiros da marinha mercante e os restantes são filhos de civis mortos em bombardeamentos aéreos.

Quando ela tomou conta desta tarefa Jennie Adamsom disse: não sou nada partidária da educação de crianças em asilos. Quero que os orfãos de guerra tenham uma vida caseira e toda a companhia normal que corresponda a essa vida caseira. E por isso os seus «filhos» foram viver com parentes, com amigos e especialmente com pais adoptivos escolhidos. Os orfãos recebem visitas regulares. Tem-se o cuidado de verificar que eles recebem toda a educação possível e dessa a melhor e bem assim todas as vantagens que teriam se os seus pais fossem vivos.

Os orfãos que mostram ter talento para a música, para o teatro ou para outras artes vão seguir cursos em academias e têm assim uma oportunidade para desenvolver os seus dons naturais. Aqueles que podem tirar beneficio de uma instrução superior ou universitária que lhes abra a carreira das profissões liberais recebem subsídios para esses efeitos.

Levou a Mrs. Jennie Adamsom, M. P., uma vida inteira para percorrer o caminho que levou da chroupana, em Ayrshire, onde morava a sua mãe viúva, até a uma cadeira de poder, no Palácio de Westminster, para levar a cabo a sua luta em prol das viúvas e dos orfãos. Neste longo percurso não houve um centímetro que não lhe custasse trabalho arduo.

A qualidade em lâminas de baixo preço não é coisa impossível — como o certificarão todos quantos usam as Nacet. Qualidade, significa — uniformidade — nas lâminas Nacet. Da primeira à última, de cada pacote, tôdas são igualmente boas e garantem uma barba feita com suavidade, perfeição e... conforto.

Cada pacote de 10 lâminas
6\$00 esc.

Laminas
“NACET”

75, RUA DA CONCEIÇÃO, 1.º — LISBOA

COMO FUNCIONA O "RADAR"

O «Radar» baseia-se no facto das ondas de rádio, tal como as bolas de borracha ao chocarem numa parede, serem reflectidas pelos objectos sólidos.

Uma vez descoberto o efeito deste fenómeno o problema consistia no aperfeiçoamento dos métodos para a intercepção e medição das ondas reflectidas. Conquanto os princípios básicos tivessem sido revelados hoje, não se pode fornecer ainda uma resenha pormenorizada.

O transmissor «Radar» emite ondas de «vibrações» intensas com a duração de um milionésimo de segundo. Estas vibrações repetem-se com intervalos de milésimo de segundo.

Entre as vibrações, o aparelho receptor regista os ecos das vibrações de quaisquer objectos sólidos na sua passagem. As ondas propagam-se à velocidade da luz, trezentos e noventa e sete mil quilómetros por segundo; assim, há um pequeno mas mensurável intervalo antes dos ecos poderem regressar.

O aparelho automático pode registar a distância dos objectos dentro de 1/2 a 9 metros representando cerca da trigésima parte de um milionésimo de segundo do tempo decorrido. É assim que se mede a distância.

A direcção determina-se com o emprego da antena giratória que emite vibrações em onda dirigida. O eco mais forte emana da direcção do objecto. A aplicação espectacular dos aparelhos de distância e direcção consiste no indicador de posição horizontal, conhecido por «P. P. I.». Usa-se o tubo de raios catódicos com a tela indicadora que revela cada eco por um foco de luz. A tela brilha por algum tempo depois da luz o iluminar.

Os focos de luz aparecem na tela em posição correspondente à distância do objecto interceptado. Assim, enquanto a antena gira, a fotografia projectada de todos os objec-

tos, dentro do raio de acção, surge na tela.

Para se determinar o alcance de um canhão de um couraçado, por exemplo, construiu-se o indicador «Radar» a fim de revelar as distâncias exactas. Existe uma outra aplicação especial que se destina ao fogo anti-aéreo no qual a antena se move automaticamente para localizar directamente o avião, sempre, e os canhões actuam por meio de um controle a distância sem intervenção do homem.

A precisão da medição será tanto mais exacta quanto mais curto for o comprimento de onda usado.

Um dos importantes aperfeiçoamentos do tempo da guerra, no «Radar», foi o desenvolvimento de ondas extremamente curtas em oposição desde metro e meio que raramente se podiam usar antes da guerra.

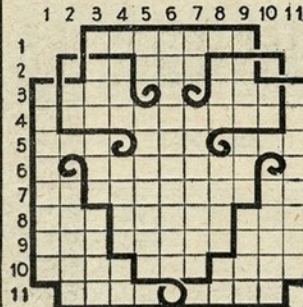
UMA PISTOLA SALVA-VIDAS

SALVARAM-SE durante a guerra milhares de vidas graças a um aparelho portátil a que deram o nome de pistola lança-foguetes. Marinheiros naufragados e aviadores nos seus barcos de borracha, guardas de faróis isolados pela tempestade e muitos outros deveram a vida a este aparelho que é quasi exclusivamente britânico e vai agora encontrando emprego crescente na paz, não só para salvar vidas mas também para auxiliar a navegação e as viagens por terra.

Alguns dos desenhos que publicamos dão uma ideia do emprego dramático que teve durante a guerra a pistola lança-foguetes mas a sua utilidade em tempo de paz não será menos notável.

Está sendo aplicado ao lan-

PALAVRAS CRUZADAS



PROBLEMA N.º 133
HORIZONTAIS

- 1 — Ignorante.
- 2 — Pertences; Grito; Medida inglesa de comprimento.
- 3 — Naquele sítio; Operai.
- 4 — Devolver.
- 5 — Corra velozmente; Alômen; Pende.
- 6 — Olhando fixamente.
- 7 — Prefixo de negação; Representação muito ao vivo, num discurso; Nota de música.
- 8 — Viscera; Instituir; Mercadoria posta a bordo, na origem (abrev. comere).
- 9 — Vã; Alem; A mãe do pai ou da mãe.
- 10 — Lenda escandinava; Moeda de prata da Índia inglesa; Vertebrados voláteis.
- 11 — Retire-se; Aroma.

VERTICAIS

- 1 — Pescadores da Póvoa-de-Varzim.

- 2 — Aspecto; Insignificâncias.
- 3 — Pronome pessoal; Nome de etra; Bruxa.
- 4 — Textualmente; Habitante do Peru quando da conquista espanhola; Suspiro.
- 5 — Conjunção; O que se governa a si mesmo.
- 6 — Célebre astrónomo e escritor francês de século passado.
- 7 — Preposição e artigo; A mais importante das grandes divisões do Império inglês da Índia.
- 8 — Progenitor; Discursará; Símbolo químico de alumínio.
- 9 — Localidade do concelho de Condeixa-a-Nova; Cauda; Alvéolo em que as abelhas depositam o mel.
- 10 — Freqüentar; mexer.
- 11 — Notívagos.

| | | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| M | E | T | A | M | O | R | F | O | S | E |
| A | G | R | I | Ã | O | G | I | Z | M | |
| R | U | A | E | C | A | R | O | L | A | |
| T | E | M | A | C | A | L | A | E | U | |
| E | L | A | P | A | R | A | X | I | S | |
| A | P | E | R | I | T | I | V | O | | |
| A | V | O | R | O | E | R | N | A | S | |
| B | I | P | A | C | A | G | A | N | A | |
| R | O | G | A | R | A | T | D | O | R | |
| I | O | R | A | T | M | I | S | A | | |
| L | E | G | I | T | I | M | A | R | A | M |

Solução do problema 132

(Ver solução do problema n.º 133 na pág. n.º 39)

çamento de toas e de cabos para ajudar à atracação de navios e também à passagem de mangueiras de abastecimento, no alto mar, de petroleiros para barcos que queimam oleos pesados. As companhias de navegação aerea utilizam esta pistola para lançar foguetes iluminantes para fins de aterragem ou para sinalização. A pistola lança-foguetes prestou serviços muito uteis no lançamento de pontes sobre barrancos durante a guerra no Extremo Oriente e auxilio semelhante prestará no estabelecimento de comunicações por meio de cabos de val-vem em terras de configuração parecida. Uma das fotografias publicadas mostra o método empregado.

Todos os navios de marinha de guerra britânica e bem assim navios de todas as outras marinhas principais do mundo estão apetrechados com pistolas lança-foguetes britânicas. Mais de 93% dos navios da marinha mercante britânica têm aparelhos destes, na sua forma principal conhecida pelo nome de Schermuly.

O seu uso não se limita aos transportes marítimos e aereos. Graças a ele podem lançar-se cabos para salvamento de pessoas isoladas em edificios incendiados, cabos para ajudar na demolição de edificios altos e pouco seguros, cabos de salvação nas

praias de banhos. As principais corporações de bombeiros, as autoridades marítimas nos portos, engenheiros, montadores de cabos de val-vem e expedições de exploradores incluem pistolas e foguetes no seu apetrechamento indispensavel.

O principio da pistola lança-foguetes é simples. Aponta-se na direcção do objecto ou da pessoa com quem se quer estabelecer comunicação e dispara-se. O foguete parte nessa direcção, levando atrás de si um cabo delgado e resistente que por sua vez está amarrado a um cabo mais grosso. A pessoa que deve ser salva ala o cabo delgado até lhe chegar à mão o cabo principal mais grosso e estabelece-se assim uma comunicação segura entre o salvador e o salvado. O alcance máximo do foguete varia segundo o vento e outros factores, mas já se conseguiram alcançar distâncias à roda de meia milha (800 metros).

HERPETOL

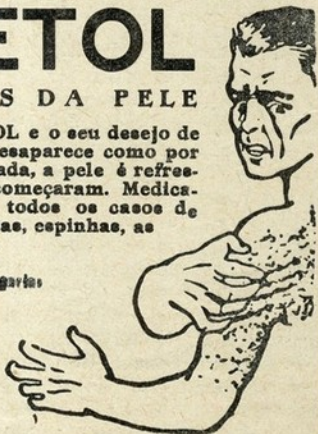
PARA DOENÇAS DA PELE

UMA GOTTA DE HERPETOL e o seu desejo de coçar passou. A comichão desaparece como por encanto. A irritação é dominada, a pele é refrescada e aliviada. Os alívios começaram. Medicamento por excelência para todos os casos de eczema húmido ou seco, crostas, capinhas, as rupções ou ardência na pele.

Il vendida em lãdas no farmácias e drogarias

Vicente Ribeiro & Carvalho
da Fonseca, Limitada

RUA DA PATA, 237
LISBOA



REFLEXOS DO MUNDO



Dois amigos

Como nasce um tanque

Cada tanque começa a vida como uma enorme chapa blindada. Em cima, pontes rolantes seguram uma chapa em posição, até que ficam montadas as peças das extremidades e que o casco toma a sua forma. Pesados maquinismos, ao longo dum lado da fábrica, fazem os seus vários trabalhos sobre pequenas peças do corpo. Por exemplo, há um enorme escatelador que corta e remove um bocão de chapa blindada para formar uma abertura pela qual o condutor verá. Centenas de outras operações estão a ser feitas ao mesmo tempo, em toda a fábrica, todas para o mesmo tanque. O aço corre como manteiga derretida enquanto um operário fabrica os lados da torre blindada. Cada tanque está composto de 6.200 partes minuciosamente feitas. São precisas, aproximadamente, 50.000 operações diferentes de maquinismo, trabalho complicado e montagem para a sua fabricação.

São utilizadas mais de 500 ferramentas modernas para fazer um blindado. Outra grua levanta o grande casco que tem agora a forma duma caixa, volta-o às avessas de maneira que a suspensão e as rodas possam ser montadas. Vira-se então o casco

de novo e instala-se o equipamento interior. O tanque está quase terminado. Está agora tão perfeitamente equilibrado que pode ser empurrado à mão, de máquina para máquina. Enquanto desliza sobre as suas rodas temporariamente recobertas de borracha, fazem-se as últimas adições. Montam-se os motores; um é descido dentro do tanque e aferrolhado. Ajusta-se as peças transmissoras, ligam-se os controles. Monta-se as legistas e os canhões. Põe-se em marcha o motor. Fazem-se os últimos ajustes. Utilizam-se rodas de esmeril eléctricas portáteis para garantir fechaduras herméticas nas portas e portinholas.

Podem ver-se germes a tragar bacterias

Abre-se vasto campo à investigação médica, graças ao novo microscópio electrónico com o qual se fizeram, em Londres, recentemente, várias demonstrações. Deriva do instrumento experimental construído em 1936 pelo professor S. C. Martin, do Colégio Imperial, Londres.

Sobre um mostrador verde fluorescente podem-se ver objectos tão infinitesimais como as partículas de óxido de zinco existentes no fumo de Londres. É plenamente visível qualquer partícula que tenha de comprimento 25 milionésimos de milímetro.

Este microscópio consegue uma amplificação 50 vezes maior do que a dos melhores aparelhos ópticos e funciona focando um feixe de electões, em duas etapas, sobre o objecto a ampliar através de lentes magnéticas. O feixe de 50 quilovoltios dirige-se, primeiro, sobre um plano intermediário ampliando o objecto 60 vezes. A lente de projector forma depois uma imagem ampliando esta 180 vezes e projectando-a sobre o mostrador fluorescente onde pode ser ampliada opticamente entre duas e cinco vezes mais, dando uma amplificação total de 50.000.

É agora possível pela primeira vez ver de facto germes que se alimentam de bacterias. Em esferas mais domésticas o exa-

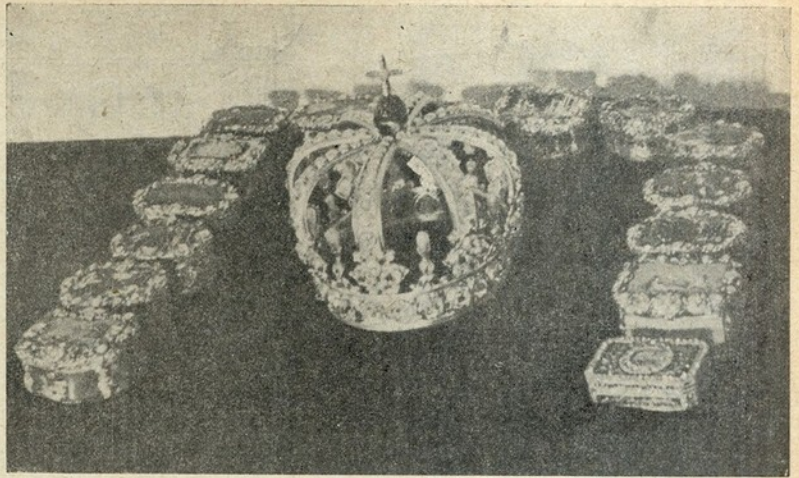
me da farinha transforma-se numa viagem geológica entre rochas. Incidentalmente alguns tipos de pó de arroz revelam grãos denticulosos o que explica a razão porque se não fixa bem na cara das mulheres.



Singularidade da nossa época. Um chapéu que parece um turbante

Reabertura do mercado de peles em Londres

Foi coroado de êxito o primeiro leilão de peles efectuado em Londres na Beaver Hall (Sala dos Castores), a sala de vendas da célebre Companhia da Baía de Hudson. Foram oferecidas à venda cerca de 800.000 peles cujo valor, antes da guerra, andaria à roda de 1.000.000 de libras. Assistiram ao leilão, no primeiro dia, cerca de 700 compradores, representando todos os países da Europa (com excepção da Alemanha e da Itália), os Estados Unidos e a América do Sul. Sir Patrick Ashley Cooper, governador da companhia, lembrou à assistência que o primeiro leilão efectuado pela companhia foi em 1672. As vendas continuaram sem interrupção até rebentar a segunda guerra mundial.



As joias do antigo rei da Prússia que foram encontradas escondidas num templo alemão entre as quais se vêem uma coroa cravejada de pedrarias e numerosas caixas de rapé

Os compradores calcularam que se tinham efectuado negócios, durante a primeira hora, na importância de umas 50.000. Em dois minutos de tempo pagaram-se 6.000 libras por um lote de peles de rato almiscarado e, em 15 segundos, o leiloeiro adjudicou a um único comprador dez lotes de peles por 10.000 libras.

Mudaram de mão cerca de 200.000 libras durante o primeiro dia. Antes da segunda guerra mundial o comércio de peles de Londres importava em 12.000.000 de libras anualmente e, ao que se pode deprender deste leilão, prevê-se que Londres volte a ser o centro do comércio de peles do mundo.

A maioria das peles veio do Canadá e algumas vieram da Austrália, dos Estados Unidos e da América do Sul. A Rússia mandou frotas de peles de esquilo.

As cidadelas de Londres

Conhecem-se agora pormenores acerca das três fortalezas subterrâneas construídas em Londres quando a Grã-Bretanha esteve ameaçada de invasão e destinadas a albergar o governo e certas repartições públicas.

A maior delas foi construída em Westminster, debaixo da Horseferry-road, e era conhecida pelo nome de «Cidadela de Horseferry-road». Se bombardeamentos maciços tivessem tornado impossível a vida à superfície ou se desembarques inimigos tivessem desorganizado os centros habituais de administração, o gabinete de guerra, o chefe de Estado Maior e o seu pessoal imediatamente subordinado — num total de 2.000 pessoas — teriam podido

continuar a dirigir o combate desta cidadela.

Neste quartel general subterrâneo havia perto de cinco quilómetros de corredor e quase mil quartos e salas. Estava à prova de gás e possuía a sua própria central eléctrica, abastecimento de água e posto e missor radiotelegráfico e telefónico com o qual se poderia manter o contacto com o mundo exterior no caso de Londres ter sido sitiada. Possuía também uma instalação para o condicionamento de ar que entrava a funcionar por uma simples pressão num botão e que dava protecção completa contra qualquer gás conhecido.

Felizmente a cidadela nunca teve que ser utilizada, para um caso real de emergência. No entanto, as três fortalezas subterrâneas foram empregadas durante a guerra para nelas se instalarem repartições públicas que precisavam trabalhar em segredo completo e absoluta segurança.



Uma deputada inglesa numa visita a uma mina de carvão



ROBERT JACKSON ★

A história fixará, para sempre, o nome do juiz do Supremo Tribunal de Washington, Robert Jackson como uma das figuras mais ilustres e representativas do nosso tempo. A carreira deste magistrado foi tão rápida como brilhante no seu país. Mas a sua celebridade só começou verdadeiramente quando, depois de ter saído dele, o falecido presidente Roosevelt, de quem era amigo dedicado e sincero, o encarregou de organizar a participação americana na repressão dos crimes de guerra.

Toda a sua actividade, norteada por objectivos de um idealismo que não oferece a mais ligeira dúvida, se orientou não apenas no sentido restrito de demonstrar a culpabilidade dos vinte e quatro reus que estão a ser julgados na cidade santa do nazismo, mas de criar os alicerces de um concelho novo de direito internacional que, na medida do possível, dificulte a eclosão de novas guerras.

Sob esse ponto de vista fundamental, pode dizer-se que o juiz Robert Jackson trabalhou incansavelmente para aproximar a tese americana de 1918 da tese britânica nessa altura claramente expostas pelas jurisperitos que representaram a Grã-Bretanha nos organismos inter-aliados encarregados de estudar o problema das responsabilidades.

Foi por isso, certamente, que desde a Conferência de Saint James o governo britânico expoz claramente o seu conceito de não permitir que os crimes de guerra ficassem impunes. Uns e outros, e entre eles nunca é demais assinalar o papel eminente desempenhado pelo juiz Jackson, sobretudo, por evitar a repetição do crime hediondo que é a guerra.

CRONICA INTERNACIONAL

O REGRESSO À ENTENTE CORDIALE

É já um lugar comum a afirmação de que sempre que a Grã-Bretanha e a França se entendem, a Europa conhece períodos, mais ou menos longos, de paz e que sempre que esses dois países se desentendem a guerra surge invariavelmente como consequência lógica e fatal do seu desentendimento. Nunca será demais insistir sobre a significação profunda desse lugar comum pois é dele e da sua compreensão exacta que depende a sorte das gerações que começam agora a subir para a vida no meio das incertezas e dos sobresaltos gerados pela instabilidade da situação internacional.

Quando se examina o quadro da política interna da França e da Grã-Bretanha e se considera o sentido exacto das suas transformações no último quarto de século não é exagerado concluir que elas se operaram a um ritmo bastante diferente e a uma cadência cada vez mais rápida.

Nas vésperas da primeira conflagração mundial, não havia qualquer tratado ou acôrdo de cláusulas automáticas e compromissos taxativos que ligassem os dois povos e os dois governos. A identidade dos seus ideais e a comunhão dos seus interesses foram, porem, suficientemente fortes para determinarem um movimento comum de reacção contra um inimigo que se não limitava a ressuscitar o velho sonho de hegemonia em que tinham succumbido todos os tiranos e todos os ditadores da Europa.

A Entente Cordiale era uma expressão mais sentimental do que política que tinha nos corações a sua verdadeira e incomparável expressão. No momento próprio ela jogou, com uma eficiência maior do que aquele que revelaram as alianças formais que ligavam a Alemanha e os seus aliados. Assim foi possível ver a Grã-Bretanha alinhar ao lado da França e a Itália proclamar a sua neutralidade, abandonando a Alemanha.

O espectáculo voltou a repetir-se, embora com algumas variantes, quando, vinte e cinco anos depois, o Reich hitleriano renovou, agravando, a ameaça que a Alemanha de Guilherme II representara para a causa da paz, para ordem internacional e para o equilibrio da Europa.

Em contraste com a verdade incontestável de que, sempre que a França e a Grã-Bretanha se entendem é possível salvaguardar a paz com todos os seus benefícios, não deve esquecer-se que sempre que se verifica o seu desentendimento a guerra não tarda a surgir para coroar os equívocos os erros dos diplomatas ou as ilusões dos generais. Entre 1905 e 1914 todas as tentativas feitas para iludir esta verdade fundamental contribuíram para apressar a eclosão da catastrophe. O mesmo se verificou entre 1920 e 1938.

Fundamentalmente a situação não mudou e as razões que levaram, há meio século e há um quarto de século, a fazer do entendimento franco-britânico e o pilar mais seguro para estabelecer a ordem na Europa, subsistem com toda a sua força. Assim se explica que nos dois países continue a ser considerada como uma contribuição efectiva para o regresso do nosso continente, e de maneira especial do ocidente da Europa, as condições de vida normal e pacífica, o regresso à tradição da Entente Cordiale que Eduardo VII e Teófilo Delcassé tão paciente e inteligentemente souberam criar sobre um fundo de desconianças e suspeições recíprocas.

Hirohito

Tornou-se Imperador no dia de Natal, em 1926 após a morte do seu pai e foi formalmente entronizado a 10 de Novembro de 1928 a pouco menos de três anos da invasão da Manchuria que começou à roda de 14 anos do conflito, que agora resultou o desastre, dirigido pelos militaristas.

Não bebendo nem fumando, Hirohito tem mantido calma a sua vida. Os seus passatempos predilectos são a biologia marítima e a fotografia, e desde a sua juventude tem-se dedicado aos desportos como o ténis, golf, a equitação e finalmente a natação em que é mais hábil.

Embora chame ao seu reino «Showa», que significa, luz e paz, o seu reinado tem sido caracterizado, internamente, por assassínatos e demissões dos chefes moderados japoneses e, externamente, por uma implacável guerra de intentadas conquistas.



A paz difícil

É já axiomática a afirmação de que a paz difícil é sempre a consequência inevitável das guerras de coligação. O que a esse respeito está a passar-se não deve constituir, por isso, novidade para aquelas pessoas que se habituaram a colher nos exemplos do passado os ensinamentos indispensáveis para a antecipação do futuro. Mas, nem por serem esperadas e compreensíveis, essas dificuldades deixam de constituir um factor de perturbação e inquietação para o mundo que desejaria ver, rápida e eficazmente, saradas as feridas provocadas por uma guerra mortífera e sangrenta que se prolongou durante seis anos.

A Conferência de Paris, destinada a elaborar os tratados de paz a celebrar com alguns países vencidos da Europa é a terceira de uma série que se não tem assinalado por qualquer resultado eficaz. O seu malogro, se viesse a verificar-se, constituiria mais um elemento a justificar o pessimismo dos que querem acostumar-se à ideia de que a guerra é o tributo que a humanidade tem de pagar, periodicamente, para expiação das suas culpas.

O OBSERVADOR

MUNDO GRÁFICO

Director: **ARTUR PORTELA**

Chefe de Redacção e Editor: **REDONDO JÚNIOR**

Redacção e Administração: **Rua das Gáveas, 6-2.º / Lisboa / Telefone 25240**

REVISTA QUINZENAL

PROPRIEDADE DO MUNDO GRÁFICO, LDA.

Composição e Impressão: Neogrevura, Ld.ª — Travessa da Oliveira, 8 Estrêla, 4 e 10 — Lisboa

PAGINAÇÃO DE ROMEU MARQUES CARDOSO

Preço 1880

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



«A Adoração do Bezerra de Ouro», de Poussin, (Escola Francesa, 1594-1565) foi comprada para a Galeria Nacional em 1945. O Fundo Nacional das Coleções de Arte contribuiu com 5.000 libras para as 10.000 libras que custou este quadro

UM FUNDO CRIADO POR AMADORES BRITÂNICOS DE ARTE

COMEÇOU em 1903. No mundo da arte os valores tinham subido. Começavam a pagar-se preços fabulosos por quadros e outras obras de arte e, como em muitos casos não era possível encontrar imediatamente a soma necessária, as obras de arte corriam perigo de sair do país. Foi por isso que alguns amadores de arte entusiásticos se juntaram para constituir o Fundo Nacional das Coleções de Obras de Arte. O seu fim era manter as coleções britânicas de obras de arte na posição esplêndida que lhes tinham conquistado as gerações anteriores. Ao fim de um ano gabavam-se de ter 500 sócios. Quando rebentou a guerra em 1939 tinham mais de 12.000.

Durante os 43 anos da sua existência o Fundo tem trabalhado em benefício das galerias de arte e dos museus da Grã-Bretanha. Ao todo, ofereceu à nação mais de 1.000 obras de arte. Muita vez foi o promotor de diligências rápidas quando a perda de um dia podia dar lugar a que uma obra prima saísse do país. A sua primeira aquisição importante foi o «Nocturno em Azul e Prata», de Whistler, para a Galeria Tate, numa ocasião em que nenhuma galeria pública britânica possuía um único quadro de Whistler. Em 1906 recorreu-se ao Fundo para salvar o célebre quadro de Velasquez «Venus e Cupido» pelo preço de 45.000 libras.

Nesse tempo o rendimento anual do Fundo elevava-se apenas a 900 li-



«A Família Vendramin em Adoração Perante um Relicário da Vera Cruz», de Titiano (Escola Veneziana, c. 1487-1576). Este quadro foi comprado com o auxílio do Fundo em 1929



«Venus e Cupido», de Velasquez (Escola Espanhola, 1599-1660). Este quadro foi comprado a oferecido à nação pelo Fundo em 1906



A Galeria Nacional, Londres, onde está admiravelmente exposta e muito bem cuidada uma coleção de quadros de todos os países e de todas as escolas e que é pertença da nação britânica

bras mas fizeram-se esforços desesperados e finalmente a soma inteira foi fornecida ao Fundo pelos seus amigos. Três anos mais tarde surgiu uma crise ainda maior. O retrato de «Cristina da Dinamarca, Duquesa de Milão», devido ao pincel de Holbein e de celebridade mundial, tinha sido emprestado à Galeria Nacional, de Londres, onde tinha estado em exposição durante cerca de 30 anos.

De improviso o Fundo teve conhecimento de que um colecionador americano tinha oferecido por ele 72.000 libras e, a não ser que se pudesse arranjar esta soma dentro de seis semanas, o quadro passaria para Nova York. Com grande dificuldade conseguiu-se juntar 32.000 libras. Tinha quase expirado o prazo quando chegou do estrangeiro um telegrama assinado com um nome inglês. Preguntava quanto dinheiro era ainda preciso para salvar o quadro. O Fundo respondeu: «Precisamos ainda de 40.000 libras. Tudo depende de si». Veio a resposta: «Darei as 40.000 libras mas com a condição de nunca revelarem o meu nome». Foi, porém, permitido ao Fundo tornar público que o bemfeitor era uma mulher.

Foram estas as primeiras de muitas outras coisas semelhantes que o Fundo conseguiu. O Fundo comprou directamente e pagou por completo muitos quadros célebres de todas as escolas de pintura, ou contribuiu substancialmente para a sua compra. Foram também adquiridos quadros modernos. A pintura moderna assim como outros trabalhos de arte também modernos, tanto britânicos como estrangeiros, ocupam um lugar de destaque entre as aquisições recentes.

Embora as duas célebres galerias de arte londrinas, a Galeria Nacional e a Galeria Tate, tenham sido os principais beneficiários, as galerias provinciais e es-

cocenas têm também recebido o seu quinhão. Em muitos casos a galeria ou um museu apropriado tem sido escolhido cuidadosamente. Por exemplo, o retrato de Lord Nelson por Abbott, por se tratar do célebre almirante Inglês, foi oferecido ao Museu Nacional Marítimo, em Greenwich.

Um quadro de Richard Wilson, um grande paisagista galês, foi para o Museu Nacional do Paiz de Gales.

Os quadros, porém, representam apenas um ramo das actividades do Fundo. Interessa-se também por outras coisas, tais como manuscritos, peças de cerâmica, mobília antiga, moedas, jóias, bordados e escultura. Compraram-se muitos tesouros desta natureza para os museus britânicos.

Os sócios do Fundo incluem amadores de arte, críticos de arte e peritos de todas as espécies mas existem entre eles também um grande número de homens e mulheres cujo único

(Continua na página 28)



Uma página do livro de Salmos e de horas de Bedford. Este manuscrito inglês do princípio do século XV deu entrada no Museu Britânico em 1929



«Retrato Miniatura de Mrs. Robert Pemberton, com a idade de 23 anos», de Holbein (Escola Alemã, 1497-1543). Este quadro foi comprado para o Museu Victoria e Albert em 1935



«A Missa de S. Gil», pelo Mestre de S. Gil (Escola Flamenga, c. 1500) comprado em 1933 pelo Fundo

«Retrato de corpo inteiro de Cristina da Dinamarca, Duquesa de Milão», também de Holbein →



«Retrato de Margaretha Trip», de Rembrandt (Escola Holandesa, 1606-1699). Este quadro foi comprado pelo Fundo e oferecido à Galeria Nacional em 1941



Um viveiro de mogno



Um viveiro

A agricultura não é feita esporadicamente, e também já não se aproveita do solo o que ele apenas dá. Fazem-se culturas intensivas. Instalam-se centros agro-pecuários. Planta-se, cava-se, semela-se, numa terra forte e vigorosa, onde tudo cresce e se multiplica em searas e colheitas prodigiosas. A África está sendo enormemente valorizada. As grandes artérias, estrada ou rail, são as veias por onde circula, rico e abundante, o magnífico plasma, que muito contribuirá com a sua transfusão de vida alimentar para melhorar as condições econômicas da humanidade.

As portas da Europa — e não como a Ásia, distante — a África tem um papel preponderante a desempenhar no reabastecimento deste continente.

Portugal, que foi o precursor, como que sente, orgulhosamente, esse desenvolvimento do continente negro, onde quer que seja. Aliás, nele todos os estados e províncias, são como órgãos do mesmo corpo.

A AFRICA, CELEIRO DA EUROPA

Renques de árvores transplantadas em Mivule. Convém notar o crescimento excepcional destas árvores, que têm dois anos

NA guerra nem tudo é mau. O mais trágico dos acontecimentos tem sempre um reverso favorável. Foi o que aconteceu à parte setentrional do continente negro. O seu teatro de guerra, que era preciso alimentar de homens, munições e gasolina, foi provocar, em numerosas regiões, um grande desenvolvimento. Inglêses e americanos, rasgaram estradas, fundaram cidades, criaram indústrias, de tal maneira que o progresso ali se acelerou enormemente. O que levaria a fazer um século fez-se pelas necessidades febris, permanentes da luta, em dois ou três anos. Essas zonas abertas à cultura, ao europeísmo, ou melhor à vida, mundial, não ficarão circunscritas aos seus próprios limites. Tudo indica que se hão-de dilatar numa permuta não só de valores agrícolas, mas industriais incomparáveis.

Ao lado das regiões sulinas, como Angola, Congo Belga, Moçambique e Cabo, onde a civilização floresce exuberantemente, os vastos territórios equatoriais e nortenhos, entram, finalmente, na fase decisiva do desenvolvimento.



Eucaliptos e ciprestes em caixotes



O agente agrícola e o seu ajudante



minam arbustos num viveiro



O ajudante do agente agrícola examina o maior arbusto de mogno plantado em 1944

MONUMENTOS COMEMORATIVOS DA R. A. F. M WESTMINSTER



O interior da Abadia, antes do bombardeamento, vendo-se ao fundo o altar-mor

EM tempos normais, a capela de Henrique VII da Abadia de Westminster está guardada dos estandartes coloridos de uma ordem exclusiva de cavalaria — a dos Cavaleiros do Banho. Dentro em breve, a parte leste desta capela será dedicada a outra ordem exclusiva, a esses aviadores — Os Poucos — que ganharam a Batalha da Grã-Bretanha.

Espera-se que a capela absidal oriental esteja guardada, como monumento comemorativo permanente dedicado a esses homens, antes do Dia da Batalha da Grã-Bretanha, em 14 de Setembro de 1946. É, porém, apenas uma esperança. A capela de Henrique VII, a gloria da arquitectura perpendicular inglesa, escapou a um ataque directo durante a «blitz» de Londres mas ficou danificada pelo sopro das bombas que caíram perto. Desabaram ornamentos em alto relevo do lindo teto abobadado. Conservaram-se cuidadosamente os bocados e mais tarde juntar-se-ão para serem de novo colocados no sitio próprio.

Um dos estragos não será reparado. É um buraco pequeno rasgado na parede do que há-de vir a ser a capela comemorativa da R. A. F. Por ele se pode avistar o Parlamento e a sua torre. Aquele buraco ficará tal qual está e apenas tapado com vidro, para recordar as devastações causadas pelos aviões alemães contra os quais os pilotos da Batalha da Grã-Bretanha se atiraram com denodo inigualável e tudo arriscaram.

Não se pode começar o trabalho na capela comemorativa senão depois de ter sido examinada a capela principal. Tecnicamente, esta é considerada pouco segura. É provável que a sua solidez pouco tenha sofrido mas isto não se pode saber ao certo até se montarem os andaimes e se examinar minuciosamente o teto abobadado. É coisa que levará tempo e pode adiar a cerimónia da dedicação da capela comemorativa da R. A. F. Embora a capela fique

com esse nome não será considerada um monumento comemorativo de toda a R. A. F. mas sim apenas daqueles Poucos.

Vitrais com Brazões

A capela fica imediatamente por detrás do túmulo de Henrique VII, de guarda das suas figuras douradas, por precaução, em tempo de guerra. O seu fecho absidal é-lhe dado pela alta janela perpendicular em forma de tríptico. O sopro das bombas arrancou o vidro dos seus caixilhos mas será substituído por vitrais com os brazões das esquadras da Batalha da Grã-Bretanha. Este trabalho foi confiado ao comandante Hugh Easton, um dos melhores desenhadores de vitrais da Grã-Bretanha.

As paredes da capela são ricamente apaineladas e têm nichos e a ornamentação esmerada da época. Foi construída entre 1503 e 1520 e destinada a abrigar o túmulo de Henrique VI, mas este rei foi sepultado em Windsor. Agora, a capela vai receber um altar e mais mobiliário e ficará separada do resto da capela de Henrique VII por meio de uma grade. Nela ficará guardado um Ról de Honra escrito e iluminado em pergaminho especial — doativa de um anónimo.

Quando o Deão de Westminster ofereceu a capela para servir de monumento comemorativo lançou-se um apelo pedindo a subscrição de 20.000 libras que foram rapidamente excedidas. Essa subscrição consistia, principalmente, de importâncias pequenas oferecidas por gente que entendia pagar desta maneira uma dívida pessoal de gratidão. O dinheiro subscrito que não seja preciso irá para o Fundo de Assistência da R. A. F..

Na Abadia há outro monumento comemorativo da segunda guerra mundial — a dos civis mortos por acção do inimigo. Está na extremidade ocidental e foi uma ideia simpática terem-no colocado na capela

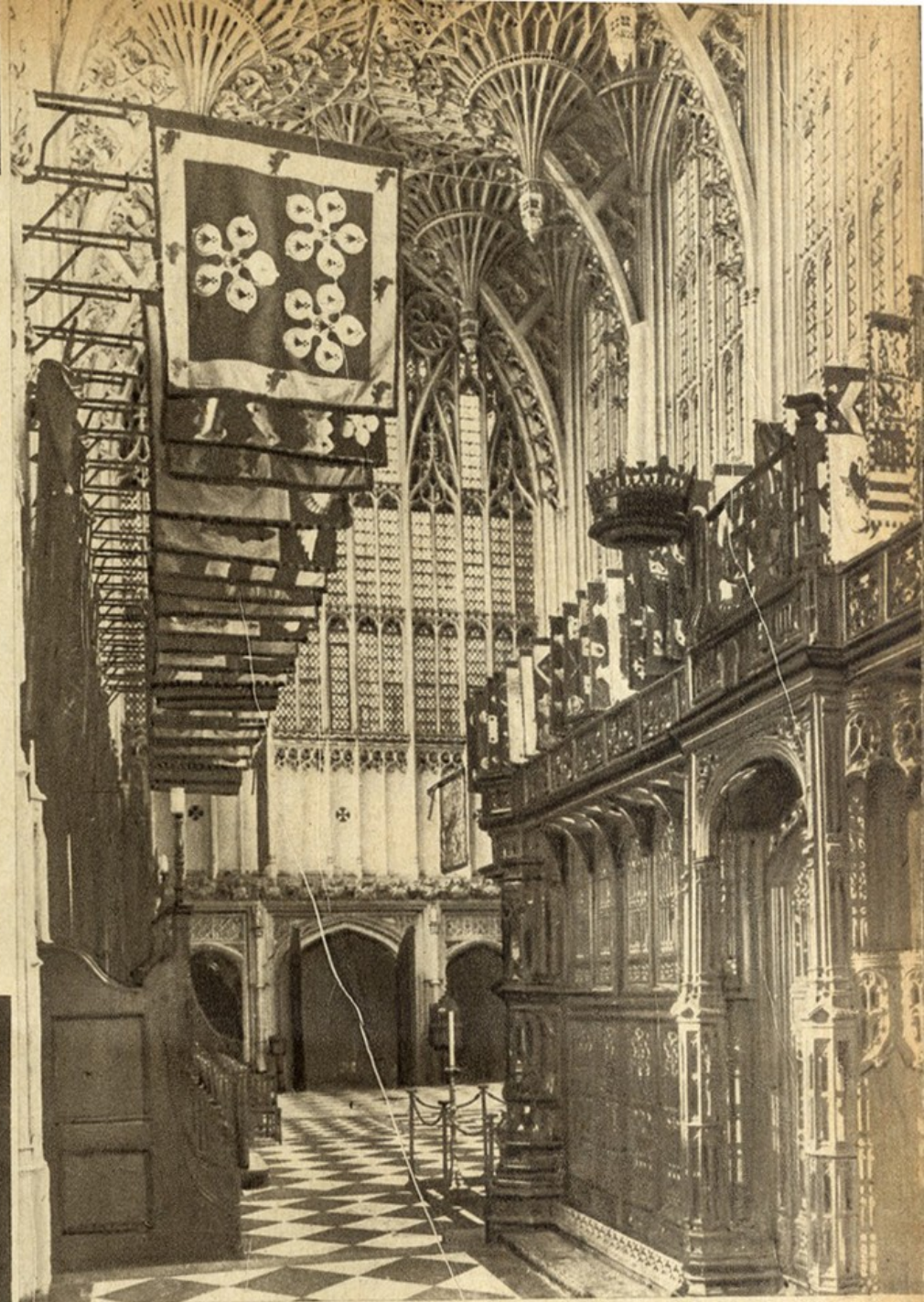
(Continua na página 28)



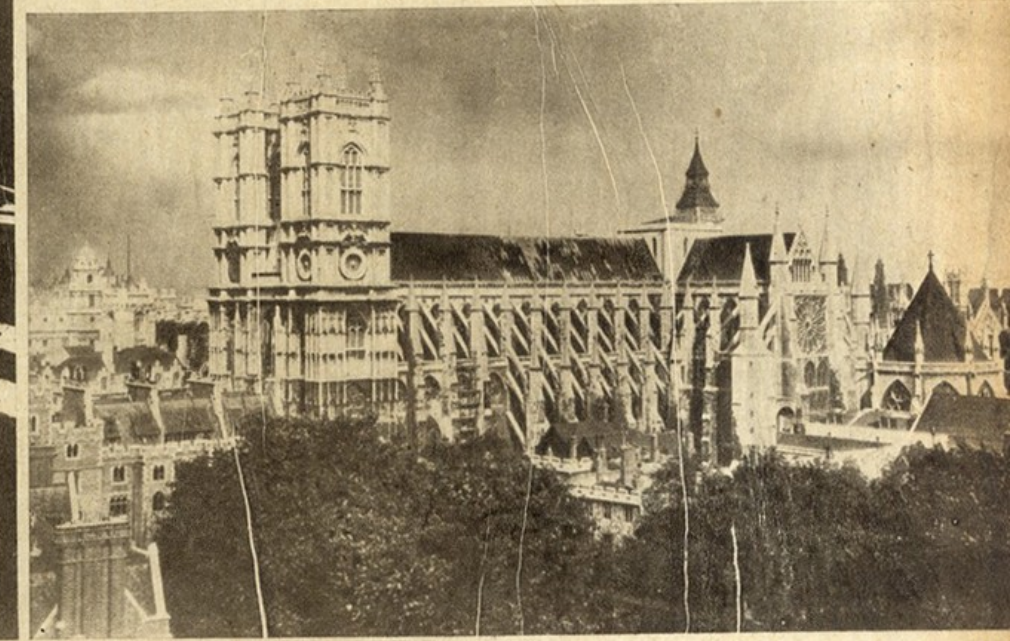
O túmulo do Soldado Desconhecido



O mesmo interior depois dos bombardeamentos



A capela de Henrique VII



Antigo mosteiro beneditino, há 900 anos que a Abadia de Westminster ergue o esplendor gótico dos seus portais, dos seus arcobotantes e das suas torres, no próprio coração de Londres. Desde os dias do rei Eduardo, o Confessor, que no local construiu a primeira igreja no século XI, todos os soberanos ingleses com excepção de dois foram coroados nesta Abadia. À direita, vê-se a Casa do Capítulo, com o seu teto pontegudo, onde reuniu o primeiro Parlamento Britânico no século XIV



O quarto de vestir



O quarto de estar dos pequenos



Quarto de cama

UMA CASA DE CAMPO INGLESA

por PATRICIA WARD



A sala de jantar

EWDNESS, a casa dos lavradores do século XVI, onde moram atualmente o conde e a condessa Paul Munster, ergue-se no alto de uma colina perto de Bridgnorth, Shropshire, e dela se avista uma paisagem semelhante à que A. E. Housman devia ter em mente quando escreveu versos deliciosos sobre «Os Condados Coloridos».

Edifício quadrangular atarracado e robusto, construído de teijolo e guarnecido de pedra de lioz dos Midlands, Ewdness foi até 1941 uma casa pouco atraente e um tanto escura, com a sua fachada obscurecida por camadas de hera e o apanelamento do carvalho dos seus quartos e salas desfigurado por demasiadas camadas de verniz ou escondido por um revestimento de papel de cor sombria, da variedade que tem desenhos dourados em relevo. Foi nessa altura que os condes de Munster foram para lá viver para tratarem da lavoura dos 300 gheiras de terreno adjacente e, apesar das faltas e restrições do tempo de guerra, fizeram um milagre de transformação.

No exterior desbastaram os arbustos supérfluos de maneira a deixar entrar luz na casa e arrancaram a hera das paredes para expor o seu colorido quente e a beleza das suas janelas enquadradas de cantaria cinzenta. No interior pintaram apanelamentos de branco ou de cinzento muito pálido, forraram as salas não apaneladas com papel de motivos alegres, enceraram o chão de tijolo do vestibulo — antiga cozinha da casa — até replandecer como ambar vermelho e constituíram um fundo perfeito para um tapete ucraniano de muitas cores e fizeram,

no geral, um aproveitamento tão inteligente de cores e de materiais que Ewdness perdeu o seu ar austero e tomou um aspecto de ligeireza, de elegância e de alegria que não é habitual nas casas do tempo da Rainha Elisabeth.

A casa deve a sua elegância em grande parte ao facto da mobília dos condes de Munster ser quase toda do período da Regência, transferida da sua anterior moradia que data do século XVIII e que enquadra tão bem no novo ambiente que desmente de maneira convincente a teoria perfeccionista de que se não devem misturar os períodos. Muita da sua alegria deve-se ao emprêgo ousado da cor e de muitos artificios decorativos não convencionais, como por exemplo o tratamento dado às paredes da sala de visitas onde, em esconder os pequenos painéis quadrados atrás de grandes quadros foram utilizados para servir de molduras separadas para uma bela colecção de pratos de Dresde e da China.

Nesta sala as cortinas de veludo amarelo canário com cercaduras de cor castanho e branco dão calor ao cinzento pérola das paredes, apanham o tom dominante do tapete inglês do século XIX e combinam bem com o cinzento e amarelo do cretone que forra as cadeiras e o sofá. A condessa de Munster gosta muito de loiças e porcelanas e compra-as por toda a parte onde vai para se servir delas como base de decoração de quase todos os quartos. No vestibulo duas deliciosas «jardinières» estão sempre cheias de flores ou de verdura, por cima das estantes dois porcos de loiça, anafados e cobertos de rosas es-

(Continua na página 29)



O vestibulo



À MESA DO CABARET

Ele e ela, a cena eterna do amor, que tanto pode ser uma comédia, como uma tragédia. A música apaixona os dois corações



SOLIDÃO E MELANCOLIA

Pode não ser verdade. As mulheres gostam de adoptar estas expressões schnadoras, em público. Pelo menos, são mais perturbantes

AS NOITES DOIRADAS DE HAVANA



O SEGREDO DOS COCKTAILS

Este «rei» das misturas deve ganhar muito dinheiro. Sabe escolher para cada freguez uma bebida, digamos psicológica



CHAMADA URGENTE

A bailarina vem ao telefone. Tem uns olhos, onde amor e o terror parecem fulgurar. Que tal num filme de «gangsters»?



MEIA NOITE EM HAVANA

Acabou bailado. Ele, com o seu pele de tigre e semi-nu, parece um Tarzan. Ela, na sua sinfonia carnal, uma ninfa, senão uma sereia. O bailado venceu-a, e vai agora prostrá-la nos braços do seu *partenaire*, que parece levá-la em triunfo. O público gosta destes bailados vertiginosos e ardentes, de ritmos creoulos e, por vezes com uma representação extravagante de imagens e figuras. Na atmosfera palpitante do *night club* parece que nasceu mais uma estrêla: a linda mulher de braços abertos, que se deixou arrebatar pelo prazer de nonfaco do bailado



UM PRÊMIO DE BELESA

Será a «cucaracha» ou uma rumba que ela dança? Seja o que for, é qualquer coisa de perturbante

OS PRETOS DO JAZZ

Simplesmente estupendo! Música, dinamismo e alegria. Ninguém os vence na magia da noite



O DRAMA DE LEZIRIA NM FILME EM REALIZAÇÃO

‘UM HOMEM DO RIBATEJO’



Linda de Miranda uma das principais figuras do filme português «Um homem do Ribatejo»

ENTRE os novos filmes portugueses, em realização nos nossos estúdios, um se evidencia pelo entusiasmo e espírito de confiança com que decorrem os seus trabalhos de filmagem. É «Um homem do Ribatejo» — que assinala a estreia do actor Henrique Campos como realizador cinematográfico.

Dia a dia, desde o começo da sua fatura, que um punhado de artistas e de técnicos se consagram de manhã à tarde, apenas com interrupção da hora do almoço, à árdua tarefa de animar na tela, em imagens palpantes, uma história original do nosso preso camarada de Imprensa Cardoso dos Santos.

Entre todos os colaboradores reina o mais franco optimismo. Em realidade, constitui bom preságio a regularidade das filmagens dirigidas, com disciplina e cuidada visão artística, segundo um plano minuciosamente estudado, cujos primeiros resultados, já verificados em sessão privada, radicam a certeza de que o público não ficará indiferente ante uma obra que promete conquistar as palmas da sua admiração.

Até à data, poucas repetições se fizeram. Isto significa que não se tem perdido tempo e que os artistas e técnicos, perfeitamente identificados com o espírito do realizador, trabalham com ardor, sem um queixume pelo esforço que despendem, permitindo que a câmara de filmar, conduzida pelas mãos peritas do operador Aquilino Mendes, deslize com facilidade, em «travellings» serenos e harmoniosos, para fixar uma expressão, um efeito ou um pormenor.

É consolador registar este facto: a filmagem dos interiores terminou muito antes do prazo marcado. Tudo ocorreu, consoante estava previsto, com aquela precisão que é o segredo da indústria fílmica e que acredita uma organização — sem a qual tudo é falível e todo o esforço resulta inútil.

A primeira volta da manivela foi dada em 11 de Fevereiro. Após mês e meio de trabalho intensivo, Aquilino Mendes procedia à filmagem do último plano, com o qual dava por concluída a sua actuação, em estúdio, na película «Um homem do Ribatejo». Apraz-nos

(Continua na página 29)



Uma admirável imagem da «Taberna das cheias», no filme «Um homem do Ribatejo», durante um violento vendaval...



Ignorando o drama que se desenrola, Julieta Castelo prepara, com carinho, a ceia para o marido...



Enquanto Linda de Miranda dorme, Eunicé Muñoz lê um livro. Duas irmãs, no mesmo filme, mas com paixões diferentes...



Enquanto o temporal não amaina, Barreto Poeira, campino de rija tempera, lembra a Assis Pacheco que ainda há gente com bom coração...



Uma imagem que, pela sua ternura, dispensa legenda...



A escola de raparigas de Denham Court. Um rapariga com dois cabritos seus protegidos

Aula de costura



Na escola de Leicester. Esta aluna mais velha tem um quarto de cama privativo

Na escola de Leicester. Concentração. A maior parte das raparigas gostam da aula de pintura

COMO A INGLATERRA EDUCA A SUA JUVENTUDE

Na escola de Leicester. O refeitório das raparigas crescidas. Servem à mesa almas que estão a aprender a ser criadas de restaurantes



A escola de raparigas de Denham Court. Recreio ao ar livre



Um treino de Netball. Serve para este e outros jogos o prado existente em frente da casa

NÃO é dos nossos dias o conhecimento de que a Inglaterra é um dos mais cultos países. Em todas as épocas a instrução na Grã-Bretanha foi o seu principal cuidado. Foi assim que aquele país se tornou progressivo. Pois, sem instrução não é possível progresso material nem político. Ultimamente, a divulgação da cultura pelas classes pobres tem sido o principal cuidado dos Governos. As escolas infantis de ensino técnico em Inglaterra são das mais perfeitas. Nelas se formam rapazes e raparigas para a vida prática. Isto são futuros servidores conscientes e preparados para justificarem a evolução literária e o contínuo avanço do progresso. As Escolas de Leicester, Crodstone, Denham Court, são frequentadas por muitas centenas de alunos que se dedicam às mais diversas especialidades técnicas. Delas saem agricultores, engenheiros, mecânicos, além de muitos outros alunos que, por natural tendência do seu espírito se dedicam à pintura, escultura, arquitectura, etc. Assim, durante cada ano as escolas técnicas da Inglaterra preparam para a vida prática centenas e centenas de rapazes e raparigas que muito irão contribuir para o bem-estar da poderosa nação britânica. Os métodos de ensino são

dos mais perfeitos. Além das aulas práticas, os alunos têm estágios para praticar as várias modalidades de ensino que lhe é ministrado nos bancos das escolas.

Educar é cumprir a mais bela missão dos governos

Nos campos verdejantes da Escócia há numerosas granjas onde os alunos põem em prática a ciência adquirida nas aulas.

Rapazes e raparigas num admirável conjunto de camaradagem obtêm completos conhecimentos de agricultura; nas fábricas, os jovens familiarizam-se com os segredos da mecânica; nas Academias de Belas-Artes, copiando modelos e criando motivos de arte.

Este exemplo digno de ser seguido por todos os povos cultos é a maior esperança dos países que pretendem caminhar para um futuro de felicidade humana.

Educar é cumprir a mais bela missão dos governos. Só os povos inferiores não cuidam da educação dos seus cidadãos.

Ora a Inglaterra pode orgulhar-se de ser o país que mais tem contribuído para a educação dos povos.

Dai as suas virtudes devem ser tidas como exemplos dignificadores.



Rapazes recolhem o feno, na escola intermediária de Godstone

Os futuros construtores civis da Grã-Bretanha



Um aluno de 16 anos da Escola acaba um arco elíptico na oficina de carpintaria

As ruínas da Europa representam não só um desastre mas também uma oportunidade. No que se lhe refere, a Grã-Bretanha viu prontamente a oportunidade. Nos montes de entulho que enchem os sítios onde antes havia ruas, lojas e casas os seus urbanistas visualizam ruas mais largas e edifícios mais imponentes. A nação tem entre mãos a execução dos maiores e mais audaciosos projectos de construção da sua história.

A Grã-Bretanha não foi, dos países beligerantes, aquele que mais estragos sofreu mas tem, no entanto, falta de quatro milhões de edifícios, que incluem não só moradias mas também escritórios, edifícios públicos, escolas, hospitais e igrejas. Não se trata apenas de os substituir mas também de elaborar novos planos de urbanização e a criação de novas comunidades.

O projecto global ocupará a vida inteira de trabalho dos homens mais novos que se dedicam à construção civil. Há que preparar outros homens não só para substituir o desgaste na indústria devido à reforma dos velhos mas também para constituir uma força de construtores civis maior do que a que jamais existiu no país. Há que prepará-los segundo os métodos mais recentes e que ensiná-los a manejar novos materiais. Precisam ter uma sólida educação geral assim como um nível elevado de conhecimentos do seu mister. Uma grande parte do futuro da Grã-Bretanha está na mão dos seus construtores civis.

Para criar este exército altamente competente de construtores foram instaladas escolas especiais em vários pontos do país. A mais moderna é a Escola de Construção aberta pelo London County Council (Conselho do Condado de Londres) no subúrbio de Brixton. Dá ensino completo a rapazes com mais de 13 anos de idade e ensino parcial aos de mais de 16 anos.

O grupo dos rapazes de 13 a 16 anos constitui a escola elementar. Dá uma educação geral da mesma natureza que a das escolas secundárias mas com tendência profissional para a construção civil e para as suas artes e os seus mesteres acessórios. As matérias ensinadas incluem a composição inglesa, a literatura e a história, a geografia, a aritmética, a álgebra e a geometria, a química, a física e



Um aluno de 19 anos coloca, em posição, o corrimão de uma escada de sua própria construção



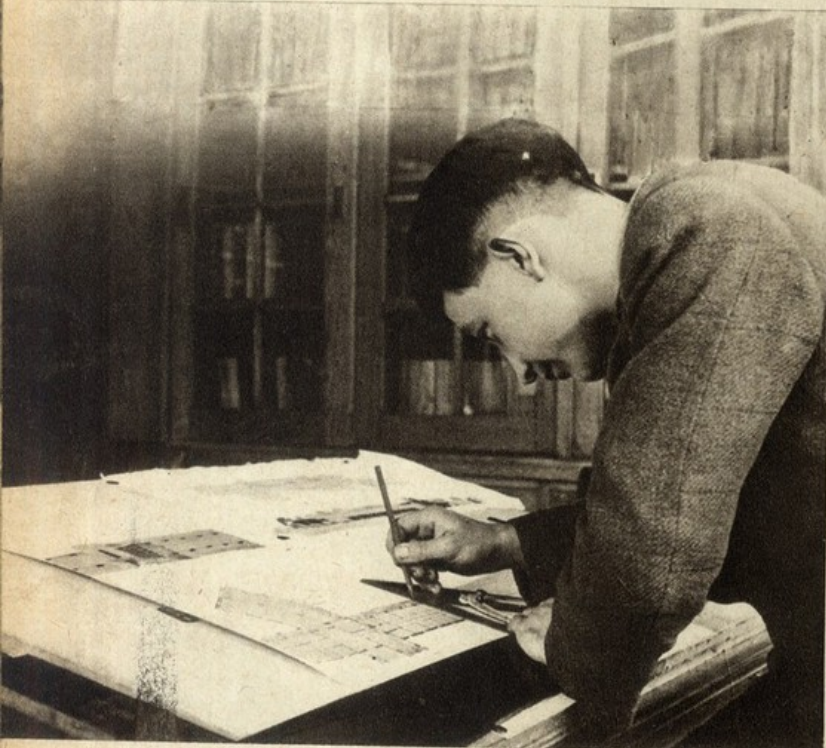
Dois rapazes com uma chaminé construída por eles. A escola fornece espaço e materiais para construções do tamanho natural

a mecânica, instrução geral sobre belas-arts assim como ensino especializado da desenho técnico e arquitectónico, a teoria e a prática da construção, a educação física. O fim que se tem em vista é produzir um operário com uma boa cultura geral e servir de fundo ao seu mester especializado.

Ao fim do seu curso o aluno terá obtido conhecimentos gerais da indústria no seu conjunto e terá também especializado na edificação com tijolo ou pedra, no trabalho da cantaria, em carpintaria e marcenaria, no trabalho de canalizador e de estuador, na decoração ou em qualquer outro ramo da indústria da construção civil quer directamente quer depois de passagem por uma técnica superior.

A escola técnica superior aceita estudantes que já tenham um curso secundário e precisam de um curso profissional de três anos para obterem colocação na construção civil, na arquitectura, na engenharia de construções ou na inspecção de edifícios. O ensino prático por instrutores hábeis em oficinas admiravelmente apetrechadas a uma das características

(Continua na página 29)



Um estudante de 20 anos, a bom caminho de ser um bom arquitecto



Rapazes e raparigas com mais de 16 anos, na aula de geometria, a base teórica de toda a boa construção



Um instrutor guia a mão de um aluno no trabalho delicado de traçar linhas com um pincel, num painel decorativo



A oficina de canteiro. As idades destes rapazes variam entre os 15 e os 18 anos. A avaliar pelo seu trabalho, já se mostram bastante proficientes no seu mister

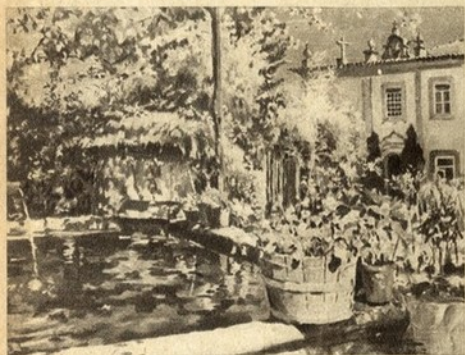
A 43.ª EXPOSIÇÃO DAS BELAS ARTES



«Na intimidade do campo», de Fortunato Anjos



«Alentejana», quadro de Portela Júnior



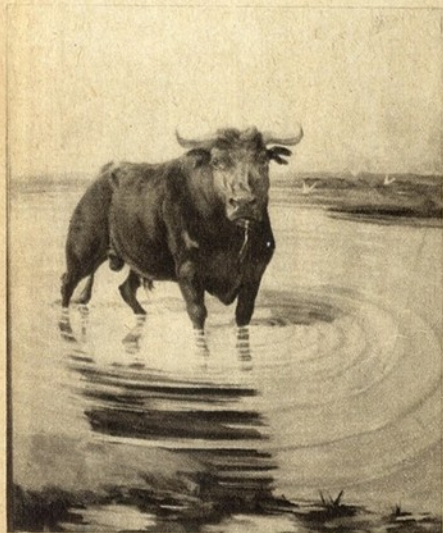
«Jardim da Casa da Fala (Amarante)», de Maria de Lourdes de Melo e Castro



«Óbidos», de José Contente



«O lugar da Torre (Amarante)», de Jaime Murteira



«Solitário», óleo de Simão da Veiga



«Maria de Lourdes C. C. Mendes de Oliveira», retrato de Albino Cunha



«Pronuncios da Primavera, no Alto da Vigia», de José Ribeiro

PÁGINA FEMININA

de AURORA JARDIM



O que se chama uma linda blusa de primavera

Picadelas

Há homens que se julgam de tal modo importantes que, em vez de fumar cigarros, parece que aspiram hidrogéneo como os acrostatos.

★

A avareza torna-se mais pequena para poupar espaço.

★

A obsessão é a vertigem das ideias.

★

A falsidade é um animal: uma serpente como a representavam os antigos lá tinham as suas razões.

A sorrir

— A Elvira escreveu-me uma carta de vinte páginas.

— Sim? E que diz ela?

— Que me contará tudo quando voltar.

★

Cliente: — Eu pedi vitela com ervilhas. Onde estão elas?

Criado: — Se calhar foi a vitela que comeu.



Saia com este vestido. Verá como fica bem



Nos lagos também desabrocham estas graciosas flores

USE
SEMPRE
Spa (Regd.)
ESCOVAS DE DENTES



“Spa” a nova escôva de dentes com pêlos de “nylon” representa um grande adiantamento na higiene dental. “Spa” limpa melhor os dentes, dura mais e é muito higiénica. Uma simples enxaguadela e a “Spa” fica tão limpa e elástica como quando foi comprada. Dureza média e rija. A venda em toda a parte.

Fabricadas por
JOHN FREEMAN & CO. LTD.,
SPA Brush Works, Chesham, Bucks., England

para a higiene dental!

Depositários:

J. Pires Tavares Sucrs. J. da Silva Pires, Ld.^ª



Dentes com saúde

JANELA ALTA

do sr. Ernesto Alfredo Krueger

TEMOS sobre a nossa mesa de trabalho um livro de versos. Chama-se a coisa «Janela aberta» e subscreeva o sr. Ernesto Alfredo Krueger. Talvez porque dos nossos vinte anos já nem lembranças nos restem, estas coisas consolam-nos, agradam-nos e, porque nos dão vontade de rir, tornam-nos alegres e reconciliam-nos com a vida.

No tempo em que os poetas eram tidos por pessoas sem juízo, a sua inofensiva acção literária limitava-se a escrever liras e endecimas e a falar de amor. Eram ingénios ao ponto de se apaixonar por damas imaginárias. Eram, portanto, lunáticos.

Mas os actuais génios poéticos exigem para entendimento das suas locuções um estranho poder compreensivo. Sinceramente, confessamo-nos ínfimos e mesquinhos em face de certas genialidades versejadas.

Assim, pedimos aos versejadores que nos relevem a insuficiência crítica que manifestamos quando se nos deparam obras que exigem dias, semanas, meses, anos, talvez, para a sua compreensão.

O sr. Krueger abriu — perdã! publicou, a sua «Janela alta». Ele o confessa numa das primeiras páginas do seu livro:

*Sou uma janela alta
atrasada
por todos os raios cósmicos,
cuja confluência deveria ser
o centro do seu coração.
Mas o meu coração
já não bate, já não bate, já não bate!*

Não há que pôr em dúvida o encanto líricamente entusiasmado destes versos.

Mas o poeta continua dominado por clarão de génio, e escreve:

*...tenho pena dos sons!
e tenho pena de todos os amantes deste
[mundo
e de todas as mulheres que ainda não
[pariram
e das que já pariram...*

Neste caso o poeta tem carradas de razão. Nós também temos pena. Mas que lhe havemos de fazer? Se a obra do sr. Krueger é toda mais ou menos deste atrevido faez inspirativo?

Regresso à vida

Romance de Armando Páscoa

FERNANDO PASCOA, em que «Abuttes» firmara a sua bela personalidade de romancista, publicou agora em Coimbra Editora o seu novo romance, «Regresso à vida».

O autor servindo-se de uma expressão formal clara e expressiva, desenha com raro poder de observação as figuras morais que pretextaram a sua obra.

A acção do romance é dada com perfeita naturalidade e as suas figuras «vivem» num ambiente de admissível verdade.

Armando Páscoa revela-se nesta sua obra um romancista com que há a contar, dados os seus demonstrados méritos de escritor.

ONTEM E HOJE

POR AUGUSTO RICARDO

O TEMPO E OS HOMENS

DE quando em quando apetece-nos ler autores tão esquecidos como fora da moda. Dá-se então esta coisa paradoxal: as leituras rejuvenescem o nosso espírito. Até nos sucede, de quando em quando, achar menos actualizados os modernos escritores do que aqueles que há muito escreveram e pensaram sobre a vida.

Num desses momentos em que o espírito se sente entediado por tantas e variadas sentenças, demo-nos e meditemos sobre velhos textos.

Perduram ainda na nossa memória uns inabaláveis conceitos. Alguns dada a época em que foram escritos, já deveriam ter perdido oportunidade. Mas, não. Mantêm-se vivos e tão verdadeiros que parecem de hoje, se em nossos dias se dissesse sinceramente o que se pensa.

Diógenes, que era um cínico nada simpático e que viveu quatrocentos anos antes da nossa era, quando viu, como refere Vieira, «uma grande tropa de varas e ministros de justiça» levarem a enforcar uns ladrões, tomou a brada: — Lá vão os ladrões grandes a enforcar os pequenos!

Sidónio Apollinar dizia que um tal Seronato andava sempre ocupado em duas coisas: em castigar furtos e em os fazer. E concluiu: isto não era zelo de justiça, senão inveja. Queria tirar os ladrões do mundo para roubar ele só.

Seguindo deliciosamente a leitura de um sermão do Padre António Vieira topamos estes por demais passos: «Nem os reis podem ir ao paraíso sem levar consigo os ladrões, nem os ladrões podem ir ao inferno sem levar consigo os reis. Isto é o que hoje hei-de pregar».

Há centenas de anos o grande pregador sermonava deste modo. Teria ele pensado, o grande predicador da bondade e da justiça, na eloquência do seu génio, que as suas predicas seriam ouvidas e os seus actos se modificariam para melhor?

Não obstante, decorridos tantos anos, os seus sermões parecem-nos de tempo presente. E se o genial humanista ainda vivesse, estamos certos, o texto dos seus sermões não seria diferente.

Ora esses factos que rememoram os sabor de leituras esquecidas obrigam-nos a estabelecer confronto entre o que se disse e se pensou há muitos anos e o que hoje se pretende dizer.

A culpa, porém, não será do tempo, que nada tem com os erros dos indivíduos; mas, sim, dos homens que continuam seguindo exemplos que os culpados lhes deixaram.

VIDAS CERCADAS

Contos de Heloisa Cid

DESRESPEITANDO orgulhosamente a consabida sentença da «respeitável opinião alheia», após a leitura do admirável livro de contos da escritora Heloisa Cid, julgamo-nos autorizados a considerar essa obra uma das melhores, (e porque não?) a melhor do seu género das ultimamente publicadas.

O raro poder de observação, a maneira clara, translúcida, da forma, o sóro da poesia que envolve as figuras, tornam esta obra repetitivo-lo, — um exemplo raro de beleza e de humanidade pouco vulgar em tantíssimas demonstrações literárias agora reveladas.

Heloisa Cid não é apenas uma escritora possuidora da técnica literária. Vai mais além: dá-nos nas páginas do seu livro um significado de elevação poética na essencial compreensão humana da arte.

Já aqui temos escrito que a difícil expressão literária do conto, não tem entre nós muitos escritores que atinjam com justo entendimento a sua realização. Hoje, porém, vemos obrigados a contrariar o nosso juízo em face do livro de Heloisa Cid. Por isso, gostosamente, e sem obediência a regras louváveis, podemos assegurar que o aparecimento de «Vidas cercadas» nos modificou os anteriores conceitos acerca dos nossos actuais contistas. Heloisa Cid é, de facto, uma escritora — das raras — que sabe contar com beleza e espírito as vidas alegres ou melancólicas dos seres que perseguiu ou imaginou.

«PORTUCALE»,

PRINCIPIOU, dirigida por alguns notáveis homens de letras, uma nova série a revista de cultura, «Portucale», que nos problemas de espírito tem dado valiosa contribuição.

O numero que temos presente referente a Fevereiro, insere escolhida coliboração de nomes já há muitos consagrados no movimento intelectual português.

Manifestamos a «Portucale» o desejo de que continue prestando à cultura a sua admirável assistência, que, estamos certos, se cumprirá, entendendo à seriedade e ao valor mental dos escritores que a dirigem.

«Anjos na encruzilhada»

O próximo livro
de Guedes de Amorim

DEVE aparecer no fim do corrente mês um livro de Guedes de Amorim a que o actor deu o título expressivo e exacto de «Anjos na encruzilhada».

Neste seu trabalho literário o romancista reproduz, com o seu já conhecido poder de observação, a existência amargurada das crianças que vagueiam pelas cidades. A caminhada trágica da desventurada infância é, no anunciado volume do ilustre escritor, descrita de forma surpreendente e impressionante.

O actor de tantas obras admiráveis damos-lhe, estamos certos, mais um valioso documento humano, digno do seu nome.



ATÉ À VOLTA!

INQUÉRITO SOCIAL

(Continuação da página 2)

O investigador oficial não é novidade para a senhora fulana. Durante a guerra foi visitada muita vez e pediram-lhe informações de muita espécie. Estas investigações faziam parte das novas actividades governamentais conhecidas sob o nome de Inquérito Social Britânico do Tempo de Guerra. Ficou demonstrado que estes inquéritos, um dos expedientes do tempo de guerra, teriam valor permanente como instrumento de governo.

A urgência motivada pela guerra exigia o apressamento de todos os processos da vida nacional. As estatísticas de causas e efeitos são muitas vezes lentas em aparecer à luz do dia e em tempos de crise nacional podem até perder-se vidas no intervalo. Para vencer esta demora o governo decidiu dirigir-se directamente aos chefes de família nas suas casas. Por meio de um questionário simples tornou-se fácil obter estatísticas com meses de antecedência sobre as que se poderiam obter pelos métodos correntes e portanto tornava-se possível a prontidão na acção.

Estes inquéritos feitos de casa em casa prestaram grande auxílio numa variedade imensa de problemas. Indicou ao governo que muito pouca borracha estava sendo desperdiçada nas casas particulares e que portanto não seria preciso gastar tempo e dinheiro numa campanha de salvamento. Revelou qual a percentagem de crianças imunizadas contra a difteria em resultado dos avisos do governo. Registou as opiniões das pessoas sobre as necessidades de alojamento e de casas. Indicou o número de mães que levavam os filhos aos postos clínicos. Furneceu cifras importantes sobre a prevalência das compras a crédito. Indicou quantas pessoas tinham que deslocar-se para se dirigir ao seu trabalho, quanto tempo levavam no percurso e quais os incómodos daí resultantes para elas.

O público britânico não se fende quando é catequizado por funcionário do governo

Compreende que num governo para o povo é indispensável que se mantenha em contacto com o povo. As repartições públicas têm certa tendência a afastar-se dos indivíduos cujos interesses servem. O inquérito social leva-as até dentro de casa de cada um e coloca-as directamente em face dos problemas individuais. Desta maneira pode atender-se às necessidades e às predilecções individuais ao elaborarem-se os planos para as massas. As alterações das necessidades públicas, podem assim tornar-se perceptíveis e os planos do governo podem modificar-se para lhes fazer face. Podem determinar-se rapidamente os resultados de uma orientação e remediados os erros a tempo.

Há muito que o comércio particular procede a investigações dos mercados. É esta, porém, a primeira vez que o método se tornou característica corrente das actividades governamentais. Como experiência da colaboração diária entre o povo e o governo que ele elegeu, o funcionamento destes inquéritos será observado com interesse e talvez mesmo com proveito não só dentro da Grã-Bretanha como muito para além das suas fronteiras.

Amadores britânicos

(Continuação da página 9)

merecimento é o amor da beleza e o apreço em que têm as obras de arte. Há também muitas crianças sociais no Fundo. Os pais entenderam ajuizadamente despertar nelas bem cedo na sua vida o sentido das responsabilidades de todo o cidadão para com as riquezas nacionais.

Embora a guerra recente tenha embaraçado o trabalho do Fundo e reduzido muito o número dos seus sócios, parece provável que se restabeleça rapidamente destas feridas. A guerra privou temporariamente o público britânico dos seus quadros. Ao reabertarem as hostilidades as obras primas da Galeria Nacional foram

1873

REMINGTON CONSTROÍ E LANÇA
A PRIMEIRA MÁQUINA DE ESCREVER

1946

REMINGTON CONTINUA SENDO
A PRIMEIRA MÁQUINA DE ESCREVER

A "NOVA" REMINGTON

É UM PRODUTO DE 73 ANOS DE EXPERIÊNCIA

PARA ENTREGA IMEDIATA, AOS PREÇOS CORRENTES

CARRETO A — NORMAL (11 polegadas)
» D — MÉDIO (20 »)
» F — GRANDE (27 »)

SOLOR — Sociedade Lusitana de Organizações, Ld.^a

LISBOA — R. da Misericórdia, 20 1.º Tel. 29381/2

PORTO — R. Sá da Bandeira, 69-2.º Tel. 1276

Agentes Gerais para PORTUGAL dos produtos da REMINGTON RAND DE NEW-YORK

guardadas numa caverna subterrânea onde nenhuma bomba podia penetrar, mas de quinze em quinze dias retirava-se do abrigo um quadro para ser exposto. E durante cinco anos estas exposições de um único quadro foram extraordinariamente frequentadas. Talvez porque a guerra tendesse a criar nele a fome da beleza, o povo britânico está hoje mais interessado em todas as obras de arte do que tem estado há muitos anos.

Monumentos comemorativos

(Continuação da página 13)

de S. Jorge, perto da placa com os braços de armas dos Domínios que comemora o milhão de mortos da primeira guerra mundial. Comemorando estes mortos naquela capela — o Tumulo do Soldado Desconhecido está a poucos metros de distância — reconhece-se o facto de terem estado na primeira linha de fogo os civis da segunda guerra mundial.

Trata-se de um armário monumental com portas de vidro no qual estão colocados os volumes contendo os nomes dos civis mortos. O armário é de carvalho lavrado, com painéis com embutidos e um frizo e cornija pintados e dourados. Foi construído segundo desenhos de Sir Charles Peers, Inspector da Abadia.

Todos os dias se volta a página a um dos volumes para revelar mais alguns nomes e informações a respeito dos que morreram devido à acção do inimigo — quer no mar, quer em suas casas, no seu trabalho ou no cumprimento dos seus deveres nos serviços da defesa civil. Estão incluídos os mortos civis da Ilha de Malta e de outras regiões fora do Reino Unido. Os nomes estão registados em ordem alfabética por condados e, dentro dos condados, por cidades, municípios, distritos rurais.

O grande trabalho de estabelecer o rol das vítimas civis da guerra ainda não está completado e estão actualmente na Abadia os tres volumes, belamente encadernados de coiro, pelo sr. Douglas Cocke-

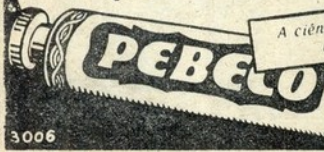
rell, que comemoram as 42.000 pessoas que perderam a vida entre o princípio da guerra e o mês de Setembro de 1941. A Comissão Imperial dos Túmulos de Guerra está a compilar as listas com dados fornecidos principalmente pelos registos gerais de todo o país, com o auxílio, quando necessário, prestado de boa vontade pelas autoridades locais e pelas delegações da Cruz Vermelha.

Escritas à máquina como estão presentemente, as listas são apenas temporárias. Em devido tempo tomarão forma permanente, digna do seu lugar no grande santuário nacional da Grã-Bretanha, para assegurar uma comemoração duradoura do heroísmo e da abnegação de homens, mulheres e crianças da Grã-Bretanha durante a guerra.

O sabor especial

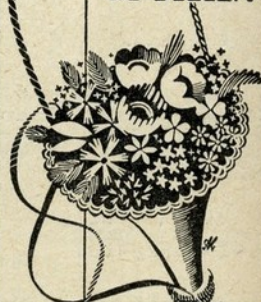
da pasta dentífrica PEBECO prova que não é um produto vulgar. PEBECO é mais! Um dentífrico composto cientificamente que elimina os germes nocivos, branqueia os dentes e refresca a boca.

A ciência é uma maravilha e PEBECO uma maravilha da ciência!



3006

PRODUTOS DE BELEZA



RECAMPOS

O ENCANTO NATURAL DA MULHER QUE QUERE CONSERVAR A SUA BELEZA

UM POEMA DE AUGUSTO RICARDO



Augusto Ricardo é um poeta — o que não quer dizer um senhor que fez versos ou coisas acrobaticamente subjectivas, que ninguém entende e passam a vida a chorar de incompreendidos. Augusto Ricardo quando escreve as suas poesias é todo ele o homem envolvido e estrangulado pelo mundo, sofrendo a dor de todos os homens. E escreve para todos, que é essa a missão do verdadeiro artista. Dos incompreendidos... está o inferno cheio. Augusto Ricardo nessa sua poesia «A morte da mãe Jugovitch», interpretação de uma linda eslavica, dá-nos toda a extraordinária medida da sua sensibilidade

SOLUÇÃO DA PÁG. 4



“Um homem do Ribatejo”

(Conclusão da página 18)

registrar este ritmo útil de trabalho. Factos como o que referimos, e que são tão pouco frequentes entre nós, constituem um eloquente testemunho de que o cinema português, quando dirigido com a segura visão das suas modestas possibilidades, método e disciplina pode aspirar aos mais gratos desejos do público e da crítica.

Actualmente, o realizador Henrique Campos, depois de ter filmado algumas importantes sequências, ao ar livre, nos terrenos anexos da Lisboa Filme, em Loures e Frielas, encontra-se em Santarém cujos arredores e outros lindos burgos ribatejanos vão servir de moldura exterior à ilustração visual de uma história dramática, na qual, acima de tudo, palpita, a par da paixão pela leztria, a beleza dos seus costumes pitorescos e o fundo impressivo da sua gente. As filmagens decorrem em Castanheira do Ribatejo e, principalmente, nas vastas propriedades do conhecido lavrador Emílio Infante da Câmara, em Vale de Figueira, cujo maravilhoso rincão empresta toda a beleza agreste da sua paisagem a alguns episódios capitais do filme «Um homem do Ribatejo». No seu desempenho participam Barreto Poeira, Julieta Castelo, Linda de Miranda, Maria Olguim e Eunice Muñoz, completam o elenco os actores Costinha e António Palma.

Em meados do próximo mês, a montagem de «Um homem do Ribatejo» entrará numa intensa fase de apuro. Não se julgue, porém, que os trabalhos, naquele capítulo técnico, tenham sido descurados. Não. A par e passo, à medida que se iam filmando as diversas cenas, o hábil montador Vieira de Sousa procedia no laboratório da Lisboa Filme, aos trabalhos preliminares de ordenação das imagens, afim de que o «puzzle» dos planos e das sequências se transforme num todo homogêneo e ritmado.

A. L.

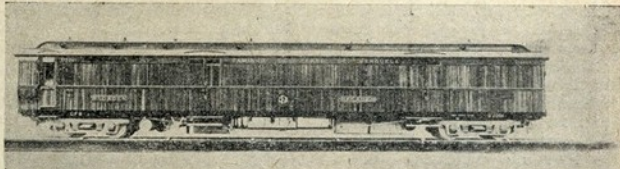
Os futuros construtores

(Continuação da página 23)

principais do curso. Os rapazes e as raparigas podem estudar e manejar os próprios materiais que empregarão na sua profissão. Ao saírem da escola para as suas várias ocupações não serão recritas bisonhas mas aproximarem-se-ão muito do produto acabado, precisando apenas de poucos anos de prática para se tornarem inteiramente proficientes no seu ofício.

Uma característica significativa é a preparação de reparagens nas escolas de construção da Grã-Bretanha. Aqueles que elaboram os projectos de uma Grã-Bretanha nova compreendem que a casa, o escritório e mesmo a Câmara Municipal dizem tanto respeito às mulheres como aos homens. A

Companhia do Caminho de Ferro de Benguela



Um luxuoso salão-restaurant do Caminho de Ferro de Benguela

A Companhia do Caminho de Ferro de Benguela possui a maior e mais importante via férrea do nosso Império Colonial, tendo sido fundada por súbditos britânicos por uma concessão a Robert Williams, outorgada em 1902, depois de aprovada pelas Cortes por proposta do Ministro das Colónias de então, Teixeira de Sousa. Tem a extensão de 1347 quilómetros, do Lobito à fronteira leste de Angola (Luau), onde entronca com o caminho de ferro do Congo Belga, ligando, por seu intermédio, com os da Rodésia, África do Sul e Moçambique, pondo assim em comunicação os portos portugueses do Lobito e Benguela, da África Ocidental, e os da Beira e Lourenço Marques, da Oriental.

Esta linha foi de largo alcance no desenvolvimento económico de toda esta vasta região e foi construída pelos mais modernos processos técnicos, com excelente material fixo, sendo também o material circulante do melhor hoje em serviço nas mais adiantadas linhas férreas do mundo inteiro. Tem sido aproveitada para viagens das mais altas individualidades, com o nosso Ilustre Presidente da República quando de visita às nossas colónias de África.

Grã-Bretanha nova terá só a lucrar com esta colaboração dos dois sexos à prancheta e nas bancadas das oficinas. Terá só a lucrar também com a introdução continua de ideias novas na indústria graças aos centros de instrução modernos e inteligentes tais como a Escola de Construção da London County Council.

Uma casa de campo

(Continuação da página 15)

tão de sentinela, desafiando com o seu modernismo impertinente a elegância da porcelana de Berlim do século XVIII exposta na mesa central. Na sala de jantar a sua colecção de jarras negras de Wedgwood exhibe-se numa alcova pintada de branco que se cava nas paredes forradas de papel de riscas cor de rosa e brancas, no seu quarto de cama os candeeiros são jarras de Dresde e sobre duas mesas de charão negro estão dispostas várias caixinhas de Battersea.

Para juntar mais uma nota de cor às salas que colecionam quadrados brilhantes de bordados dos tempos da Rainha Vitória, junta-lhes cercaduras de uma cor que contraste e emprega-os como capas para almofadas que espalha por cadeiras e sofás. As cortinas de casa dos quartos de cama são apanhadas com faixas coloridas de cretone ou com fitas e os quadros estão pendurados por meio de cordões torcidos de seda de cores.



Quando a indigestão lhe dá a «fada» no estômago e lhe aperta o coração, quer alívios — e quer-os depressa! Pode estar a quilómetros de distância de casa e, certamente, não sentirá vontade de sofrer até lá chegar.

Pois, na verdade, não necessita de oferecer tanto. Basta meter a mão na algibeira do colete ou na malinha do bolso, se tiver tido o cuidado de levar metido algumas pastilhas de Rennie, que são embrulhadas em separado, para assim poderem ser transportadas. Chupe duas, uma a seguir a outra. Em poucos minutos as Rennies serão neutralizado o excesso de ácido do estômago, causa da indigestão!

Nem demoras, nem colheres, nem copo de água. Sem mesmo dar por tal, as dores do estômago, a sensação de queimadura terão desaparecido. Voltará a estar senhor de si. Compre um pacote na sua farmácia, ainda hoje.



NA PRIMAVERA

(CRÓNICA)

por EUGÉNIO VIEIRA

A O levantar-me, agora, nos comêços da primavera, escancarar a janela do meu quarto para contemplar os recortes verdes do arvoredo no lavado azul do céu. Uma bafagem morna, que ficou da véspera e se acresceu na manhã, entra com a rodolência das flores e zumbido dos insectos. Tudo é florido: o meu jardim, os que há em volta, os quintais, as sebes do campo, até os velhos muros floriram! As próprias pedras da calçada, nos seus interstícios, ostentam verdura e uma infinidade de pequeníssimas flores. E todas têm perfume. Dá-me a ideia de que a terra, agora, é um grande frasco de essência que se destapou e se entorna. O perfume como que nos canta nas narinas e dança vaporosamente no ar. Onde irá, assim, de vale a monte? Quem sabe se subirá até às estrelas?...

A Natureza, nesta quadra, é uma ingénua púbere, que ama e se sente apta a procrear idílica, e puramente. Na verdade, não há recanto verdejante que não tenha, agora, por mínimo que seja, um assomo lírico. É o sol, magestático, vem, com o seu brilho de ouro, im-

perar no Céu. Dir-se-ia que tudo aspira à grandeza, à liberdade, à idealidade, ao prazer de banhar-se no Infinito! Até as árvores têm o aspecto de subir nas suas ramagens e flores, suspendendo-se da terra e confundindo-se no firmamento...

Junto a uma das minhas janelas, que deita para a rua, há umas árvores exóticas, todas floridas de branco e rosa, em cachos inebriantes. A meio dum desses grandes ramalhetes, noto uma ave, instalada como num trono de verdor e perfumes. Que ave será, aquela tão feliz, pergunto, e não tardo a ter a resposta em facto. Ao agitar-se percebo que é um... pardal de telhado. Em volta dele ajeitam borboletas, disparadas como setas, com aspecto de flores vivas, trémulas, ora descendo ora subindo no espaço azul até desaparecerem, confundidas nos relevos ou absorvidas p'lo céu. Do grande ramalhete saíem também, sossurrantes, as abelhas. E nenhum daqueles insectos exteriorisa receio pela ave.

E a ave, o pardal, que tem aspecto pretencioso, nem faz

Sociedade Vinícola de Basto, L.^{da}

CAVES MONTANHEZ



Nesta mesa de festa lá se vêem as garrafas de vinho verde Montanhez, Precioso e Azal, os mais deliciosos do nosso mercado

OS deliciosos vinhos verdes, especialidades que só existe entre nós e assim mesmo na região especialmente demarcada para esse efeito, constituem um valor com decisiva influência na vida económica do País por movimentar anualmente muitas dezenas de milhar de contos que são distribuídos pelos lavradores, trabalhadores rurais e agentes comerciais que neles empregam as suas actividades.

A fértil e preciosa região de Celorico de Basto, tem-se manifestado particularmente propícia à cultura destas vinhas e só assim se compreende que os vinhos aqui produzidos tenham obtido tão grande aceitação.

E' portanto, com sede em Celorico de Basto, que se afirmou como uma empresa produtora de excepcional apuro, casta e produção, a conhecida e importante organização que é a SOCIEDADE VINÍCOLA DE BASTO, L.^{da}. Casa antiga, exportando há bastantes anos, para as n.º colónias, Brasil, Estados Unidos, Argentina, etc., vinhos dessa região, criando as conhecidas marcas Montanhez, Precioso e Azal.

A todas as exposições que concorreu, tanto no país como no estrangeiro alcançou os mais valiosos prémios e galardões.

Tão brilhante e progressiva aura e profundo desenvolvimento deve-se ao esforço persistente e à iniciativa dupla e arrojada do seu orientador Senhor Alvaro da Costa Bastos, um nome ilustre e consagrado da vinicultura portuguesa.

E' representada em Lisboa e provincia pela Vinícola do Super Dão, L.^{da} (Rua Cabo Verde 22), no Porto e provincia pelo sr. J. Cândido da Silva — Cancellia Velha, 19

Como subtil película

PÓ DE ARROZ
TRANSPARENTE

Marlice
PARIS

CONCESSIONÁRIOS E DISTRIBUIDORES
SOCIEDADE PORTUGUESA DE PERFUMARIA, LDA.
ESCRITÓRIOS E DEPOSITO — RUA RODRIGUES SAMPAIO, 59 — LISBOA — TELEFONE 40880
AGENCIA NO PORTO — RUA ENTREPREDES, 16. 2.

reparo em seres a seu ver tão mesquinhos... Penso que ele, como os homens mais insignificantes, terá o seu orgulho e dirá, lá com os seus botões, (que são as suas penas), arrufando-as: «Deixa-las! Aquella non capit muscas. Que afinal, se houve tempo em que os bichos falavam, e ele foi tão remoto, estes bichos de agora, mais civilizados, devem roçar já muito pela latinidade!... Mas... dir-me-eis agora: — Um pardal a julgar-se águia! E então?! — vos responderei. Porque terá ele menos direito à ambição que certos humanos, sequer nascidos do nada, a tudo aspirando e que... nem asas têm!... Não se viam ainda no ontem da História alguns entes de pés pesados e de coração ptreco aspirar no domínio do mundo?!... E enquanto as andorinhas passam em vôos tortuosos e curtos, caçando os mosquitos, ocorre-me perguntar: «Porque não comerão elas as borboletas e as abelhas? Mas... nem sequer as perseguem! E' que... não nasceram para isso e... como diz o vulgo: «cada qual é para o que nasceu».

E o pardal, entronisado nas flores, que mais dizer dele? Outra ave que não fosse ele, sentiria, talvez, a ância de

librar-se no azul, pousar alto numa árvore e soltar os seus gorgueios. Um trono de flores e aromas, que coisa merecida por uma ave canora, de apurado instinto melódico, exemplo um rouxinol! E... no entanto, quantos rouxinóis, na noite, ao luar, pousados nas árvores sem flores, expostos à neblina e ao orvalho e sempre num descante! E são assim, afinal, porque: «cada qual é para o que nasceu...»

Entretanto assim penso, cismo nas almas românticas, nos poetas, expostos às intempérias da vida e sempre cantando, e na grande maioria dos não poetas, dos práticos, saltitando na vida, como as aves granivoras, não fazendo reparo nas belas ideias — borboletas do pensamento — e perseguindo uma só ideia — a de colherem para si o seu grão...

Mas... o pardal? Ele lá está, com os seus ares de garoto insumisso: espreguiça, arrufando-se, move a nuca a um e outro lado. De repente, solta um curto vôo e vai pousar numa chaminé. Dali, desce ao telhado, saltitando e debicando na limgem das telhas. E não canta, que chilreia (um cantar a seu modo) porque enfim: cada qual é para o que nasceu.»

A B. B. C. FALA E O MUNDO ACREDITA

Além dos programas para a Inglaterra e Domínios, a B. B. C. tem transmissões especiais, também, para as diversas partes do mundo



Um programa para os Estados Unidos. Entre os figurantes vêm-se alguns marujos americanos



A equipa da Secção Francesa, escutando uma gravação do seu programa



Um oficial da R. A. F. tocando guitarra para Portugal num dos programas «A Voz de Londres»



Damyanti Sahni, locutora e organizadora de programas para a Índia



Barbara MacFadyean locutora da B. B. C. que costumava apresentar programas de discos destinados aos homens que se encontravam dispersos pelas diversas partes do mundo



A ESPERA DE VEZ

**MUNDO
GRÁFICO**